

INCLUSÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS MISTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Autor (Mônica Simone Rodrigues Freitas)

Co-autor (Janaina Carla Cunha de Lima)

Co-autor (Júlio do Amaral Nóbrega)

Co-autor (Anna Paula Santos Martins).

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) - monicasirfc@yahoo.com.br
Universidade do Estado do rio Grande do Norte(UERN) - janaina.carla1711@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) – julinho.nobrega@bol.com.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) – paulinhat.mesa@gmail.com*

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade a dança se revela como uma possibilidade de manifestar o corpóreo, o sensível, o estético. No entanto, esses aspectos vêm sendo tanto esquecidos como também considerados menos importantes no âmbito educacional. Para Porpino (2006) o sensível foi predominantemente entendido como forma de conhecimento pouco confiável, ou mesmo como dimensão da vida a ser negada, por exprimir características como instabilidade, mutabilidade e incerteza.

O conteúdo dança nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2001) está inserido dentro do bloco das atividades rítmicas e expressivas, tendo muito a contribuir de modo a ampliar e enriquecer o conhecimento do sujeito. Haja vista que através da dança podem ser exploradas/vivenciadas inúmeras possibilidades de se movimentar, de se expressar, de expor as emoções, além do envolvimento no universo da cultura com suas inúmeras significações. Porém, quando trabalhamos com o conteúdo da dança na escola temos que atentar para as questões corporais e o contexto social em que esses corpos estão inseridos. Pois o corpo foi e ainda é entendido e construído de diversas formas na sociedade, as quais são representações construídas a maneira como os sujeitos se constituem homens e mulheres, e estão atrelados à diferenciação entre os papéis que foram delimitados para ambos na sociedade. A partir de então algumas características como sensibilidade e delicadeza foram atribuídas ao gênero feminino, enquanto que força e seriedade ao gênero masculino.

Atualmente a teoria crítica que alimenta a Educação Física no contexto atual salienta a necessidade de compreender esse corpo enquanto processo cultural, como corpo/sujeito, capaz de viver em corporeidade, pois é na corporeidade que os sujeitos se fazem presentes e significantes no mundo e, conseguem dialogar consigo e com o outro. De modo que através do conteúdo dança nas aulas de Educação Física, as crianças e jovens terão oportunidades de expressarem a sua corporeidade de varias formas, ritmos e, sobretudo, com a possibilidade de conhecerem diferentes movimentos e estilos de danças oriundos de uma ampla diversidade cultural de múltiplos grupos étnicos que vivem no Brasil e no mundo.

E essa diferença atribuída culturalmente e socialmente aos papéis desempenhados para ambos os sexos interferem significativamente nas práticas pedagógicas. A exemplo estão as aulas de Educação Física que são realizadas separando meninas e meninos, configurando um processo de segregação das atividades em relação ao gênero, fato que delimita a participação de alunos e alunas nas atividades. Com o surgimento das aulas mistas, esperava-se uma superação dessa segregação. No entanto, essa segregação perpetua, pois as práticas corporais continuam atreladas as relações de poder de um gênero em detrimento ao outro.

Portanto, visualizamos na Educação Física escolar um espaço para trabalhar essas questões através das práticas corporais. O trabalho desenvolvido objetivou viabilizar através da dança uma reflexão sobre a segregação de gênero, bem como desmistificar o preconceito existente na diferenciação das atividades para meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

METODOLOGIA

A experiência se desenvolveu numa perspectiva de aulas abertas a qual considera como objeto de estudo o mundo do movimento e suas implicações sociais, ou seja, prima por uma visão humanista. Tendo como ponto fundante o diálogo, pois parte de posturas diferenciadas para se chegar a um consenso sendo esta a relação professor e aluno. E quanto à avaliação a concepção considera a avaliação contínua durante o processo ensino-aprendizagem. O trabalho foi desenvolvido em duas instituições escolar da rede pública de Natal com turmas de quartos anos, do ensino fundamental I. A experiência foi realizada em um bimestre composto por três etapas. Na primeira buscou-se através de uma conversa formal diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos, promovendo uma discussão e introduzindo a vivencia de alguns ritmos através das cantigas de roda algo. Na etapa seguinte iniciamos as vivencias de outros ritmos. No terceiro momento exploramos outras sonoridades musicais se utilizando de alguns recursos com o intuito de potencializar o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao apresentarmos o tema depois de uma conversa formal com algumas indagações visando coletar o conhecimento prévio dos discentes em relação ao conteúdo a ser abordado as primeiras resistências foram surgindo por parte de alguns alunos do gênero masculino, com algumas argumentações do tipo: **“Agora só falta às professoras nos ensinar a brincar de boneca”; Professora é obrigado fazer isso?** A partir desses questionamentos percebemos a complexidade de se trabalhar um conteúdo dessa natureza na escola. Nesse momento, alguns questionamentos foram abordados pelo professor de modo a levá-los a uma possível reflexão: **O homem vira mulher porque dança? Os meninos também brincam de boneco não? E depois de grande, quem se tornar pai?** Iniciar o trabalho através das cantigas de roda, foi pensado acreditando que o ritmo seria melhor percebido, como também a priori seria ideal para oportunizarmos outros ritmos já que se tratava de algo já vivenciado pelos alunos em outro contexto, como por exemplo, nas brincadeiras de rua. Para Porpino e Tiburcio (2005) o professor deve abordar o conteúdo de acordo com as afinidades de gêneros de danças e o contexto social em que estão inseridos os alunos permitindo que eles apreciem e reflitam em cima da sua realidade para, a partir dela conduzir ao conhecimento de outros contextos. Tecendo mais um comentário sobre a atividade vivenciada, partir do conhecimento prévio do aluno permite que a atividade flua.

Na segunda etapa foram vivenciadas as cantigas relacionadas pelos discentes e para que o ritmo fosse mais bem percebido sugerimos que eles acompanhassem com palmas, pois de acordo com Vargas (2003) o ritmo é determinante para que uma atividade se torne dança. As cantigas vivenciadas foram: “Ciranda cirandinha”; “Senhora dona sancha”; “Pai Francisco”; “Atirei o pau no gato” e a sua atual versão; “tengo telengo tengo”; “carangejo”; “Fui à Espanha”; “Pezinho”; “Marcha soldado” entre outras. Depois da vivencia das cantigas de roda conhecida por eles propomos algumas cantigas desconhecidas pelo grupo para que pudessem conhecer culturas de outros locais. Uma vez que, de acordo com Brasil (2003) é

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

importante oportunizar ao educando a vivencia de danças estrangeiras e também folclóricas de nossa região e outras regiões do Brasil colocando para eles que as danças folclóricas são cantigas passadas de geração para geração e que elas representam os costumes, as idéias, as emoções e os acontecimentos que constituem os costumes de um povo como no caso da Araruna. Ao apresentarmos novos ritmos como o da Araruna, contamos primeiro a historia do pássaro, depois os movimentos, tal como estes eram dançados e quando fomos vivenciar na prática, a resistência dessa vez aconteceu por parte das meninas que não permitiam ser tocadas pelos meninos. Ao percebermos está rejeição insistimos com outros ritmos folclóricos que evidenciassem o toque. A partir de então, foram percebidas as primeiras transformações, aquele desconforto do inicio já não era tão evidente.

Na terceira e ultima etapa buscamos um espaço que consideramos mais apropriado para que os alunos se sentissem mais a vontade. Utilizamos a biblioteca da escola, nesse momento vários ritmos foram vivenciados por eles, inclusive sugeridos pelos mesmos. A principio damos uma bexiga a cada um e pedimos que eles imaginassem a bexiga como uma pessoa, para dançarem quando sentissem vontade ou em determinados ritmos. Nessa etapa utilizamos o som para que pudéssemos explorar os vários ritmos sugeridos pelos discentes, os quais foram: axé, forró, sertanejo, funk o ritmo calypso e algumas músicas folclóricas trabalhadas anteriormente e porem já citadas no texto. Após um tempo verificamos que as bexigas já não tinham tanta utilidade como no inicio, como também o toque entre meninos e meninas predominando a espontaneidade, a expressão, a emoção, o movimento. Como mostra as figuras abaixo.



No entanto Tiburcio e Porpino (2005) ressaltam que em relação à diversidade cultural brasileira, a escola pode ser um espaço de abrangência e articulação das manifestações populares, eruditas, contemporâneas, tradicionais, urbanas, rurais de modo a oportunizar o aluno a vislumbrar varias possibilidades expressivas, compreendendo-as e se posicionando criticamente, pois os sentidos e os gestos dessas manifestações são comumente encontrados em muitos espaços freqüentados pelos alunos inclusive na mídia, onde podemos, muitas vezes, perceber modelos prontos e padronização de gestos

CONCLUSÃO

Trabalhar o conteúdo dança na escola, o qual está inserido dentro do bloco atividades Rítmicas e Expressivas de acordo com Brasil (2003), viabilizando o acesso dos discentes a práticas corporais entendidas a partir de um contexto histórico e social como uma atividade voltada apenas para as meninas, as quais são atribuídas toda delicadeza e sensibilidade, enquanto que aos meninos a força e a seriedade. Tais atribuições acabam possivelmente interferindo de forma significativa na segregação das atividades nas aulas de Educação Física gerada provavelmente por uma visão prematura e preconceituosa, mas que, porém apesar da introdução das aulas mistas ainda se perpetuam.

No entanto, a experiência relatada nos mostra que a dança, visualizada como uma prática pedagógica a ser trabalhada de forma contextualizada nas aulas de Educação Física se apresenta como um importante instrumento facilitador para desmistificar preconceitos dessa natureza e viabilizar uma reflexão acerca da inclusão de gênero. Para assim promover uma transformação na sociedade que apesar de tantas discussões e estudos sobre o tema, discriminações desse tipo ainda continuam enraizadas.

REFERÊNCIAS

FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. **Dança e gênero: possibilidades de educação inclusiva**. 2011. Curso de Especialização em Educação Inclusiva, UDESC, Florianópolis, 2011.

KARENINE, de Oliveira Porpino. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal, R: EDUFRN – Ed. UFRN, 2006

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria da Educação Fundamental, 3ª Ed. Brasília: 2001

PALAFIX, Gabriel Humberto Muñoz, NAZARI, Juliano. **Abordagens metodológicas do ensino da Educação Física escolar**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital. Acesso em: 22 out. 2009

PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra; FEITOSA, Roberta Pereira; PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. **O ensino da dança e a relação de gênero na educação básica**. *Universitas: Ciências da Saúde*, [s.l.], v. 15, n. 1, p.57-65, 26 jun. 2017. Centro de Ensino Unificado de Brasília. <http://dx.doi.org/10.5102/ucs.v15i1.4292>.

TIBURCIO, Larissa Kelly de O. M., PORPINO, Karenine de Oliveira. **Atividades Rítmicas e expressivas na educação física**. Livro didático 3: o ensino de educação física de 5ª a 8ª séries/ João Bosco de Castro Guerra...[et al] ; Org: TEREZINHA Petrucia da Nóbrega. Natal, RN: Paidéia, 2005.